

# Dor de cabeça para o DPF

Renato de Sousa — 30/10/94

## ■ Passeios preocupam os policiais que dão proteção a Cardoso

VASCONCELO QUADROS

SÃO PAULO — No Brasil não há tradição de atentados contra presidentes da República, mas, se depender dos analistas de segurança, o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso vai ter de tomar cuidado e se submeter cada vez mais às regras de proteção policial. A Polícia Federal já reforçou o efetivo de segurança, mas vê ainda com preocupação os passeios a pé pela Praça Vilaboim, em Higienópolis, ou os programas que o presidente eleito tem feito em São Paulo em busca de uma privacidade a que, como futuro chefe de Estado, não pode mais se dar ao luxo. “Somos obrigados a dar a segurança. Ele não tem mais a prerrogativa de cidadão comum e precisa entender isso”, diz um policial que cuida da segurança de Cardoso.

“Isso já não pertence mais a mim”, reagiu, conformado, no último fim de semana, o presidente eleito, ao ser perguntado se havia reforçado sua segurança.

**Fragilidade** — Nas viagens que tem feito pelo país, Fernando Henrique está sempre acompanhado de dois homens do DPF — os mesmos que o seguem desde que saiu candidato à Presidência —, mas nos locais aonde chega, o esquema é reforçado por outros seis policiais federais. Mesmo assim, por culpa do roteiro e da programação montada por assessores, a fragilidade do esquema é visível. O presidente eleito descansou três dias no Pantanal sem que a Marinha — responsável pela região — fosse informada.

No prédio onde mora, em Higienópolis, ou no sítio onde passou o final de semana, em Ibiúna, os moradores e visitantes transitam sem preocupação, apesar dos olhares atentos dos policiais. Ele mesmo é quem determina todos os roteiros na cidade e os policiais limitam-se a acompanhá-lo. A situação só se inverterá, legalmente, depois da posse.

“No Brasil há uma tradição de não se



Cardoso e d. Ruth costumam fazer passeios a pé, sem a companhia de seguranças

dar bola para a segurança. Geralmente eles não querem seguir as regras. Tem autoridade que dispensa o policial para ir a uma boate”, lembra João Câncio, que já foi obrigado a pedir que ministros de Estado assinassem um termo de responsabilidade pela sua integridade física até com guardanapos de restaurantes. “O presidente Fernando Henrique parece ser mais obediente às normas e até agora não há reclamações”, diz o delegado.

**‘Moscas’** — Cardoso aceitou as normas e atualmente está aos cuidados de policiais especializados em segurança de autoridades, lotados na Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) de Brasília, mas usa também agentes paulistas quando está na cidade. Os policiais integram um grupo conhecido por *moscas*, cuja função é colar na autoridade e, se for o caso, até morrer em seu lugar. Esses homens passam por uma espécie de *lavagem cerebral* e são preparados para garantir a

integridade física do presidente diante de qualquer situação de conflito. Num eventual atentado, a ofensiva contra o agressor é desempenhada por outra equipe, que fica sempre na retaguarda.

O problema no Brasil tem sido a crônica desobediência das autoridades. O presidente Itamar Franco, por exemplo, tem quebrado todas as normas de segurança ao passear, como se fosse um cidadão comum, por Brasília ao lado da nova namorada. “Um presidente é um escravo da segurança e tem de seguir todas as regras”, adverte o delegado João Câncio Neto, chefe da Coordenadoria Regional Policial (CRP) da Polícia Federal em São Paulo. “Nós temos gente e estrutura para isso”, afirma o delegado.

Câncio observa que é necessário inverter o comportamento das autoridades e, se for o caso, até falar duro com o protegido e com quem o assedia para que as normas de segurança sejam garantidas.